



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

**CURSO DE LICENCIATURA EM ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA
EDUCAÇÃO**

Monografia

***Currículo e Organização Escolar Nas Zonas Libertadas da Frelimo
(1964 a 1974)***

Sérgio Eugénio Palege

Supervisor: Prof. Doutor Carlos Mussa

Maputo, Maio de 2017



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

**CURSO DE LICENCIATURA EM ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA
EDUCAÇÃO**

***Currículo e Organização Escolar Nas Zonas Libertadas da Frelimo
(1964 a 1974)***

Sérgio Eugénio Palege

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de Licenciatura em Organização e Gestão da Educação.

Maputo, Maio de 2014



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

**CURSO DE LICENCIATURA EM ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA
EDUCAÇÃO**

Supervisor

Prof. Doutor Carlos Mussa

Presidente

Oponente

Declaração de honra

Declaro por minha honra que este trabalho nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer nível académico e que constitui o resultado da minha investigação. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto e na bibliografia.

.....

Sérgio Eugénio Palege

Maputo, Maio de 2017

Dedicatória

*Dedico este trabalho a minha adorada mãe, **Isabel Mapulango Jeque Mabunda** (in memoria) que tanto me deu força e esperanças para continuar com os estudos.*

*Ao meu pai, **Eugénio Zacarias Palege** (in memoria) que, em vida, me deu todo apoio moral e material para me motivar a chegar onde estou agora. Graças aos seus ensinamentos, hoje consegui ter exitos nos meus estudos. (In Memoria)*

À Sónia José, minha querida irmã. (In Memoria)

À Assucena Isabel, minha carinhosa irmã. (In Memoria)

À todos meus irmãos.

À Érica Palege, minha filha, apesar de eu ter andado longe dela durante o tempo da minha formação e da minha vida estudantil, nela me inspeirei para a encorajar a amar os estudos.

A Érica Hérculano Fausto, mãe da minha filha

A minha esposa, Dulce Fernanda Honwana, minha companheira e amiga inseparável.

Ao meu colega e amigo Dr. Daniel António Inguane, que recordava-me todas as manhãs do fim de semana, lembro-me das suas SMSs, chamadas a dizer: “Bom dia mano..., hoje é Sábado, vai a Zona Militar procurar entrevistar Antigos Combatentes que estão lá? Até é capaz de apanhar alunos e professores e mesmo dirigentes das escolas. Não fica distraído.”

Ao meu amigo e irmão, Dr. Samuel João Langa, pelo apoio moral e por me ter levado a Zona Militar para entrevistar as pessoas de difícil acesso.

A minha sogra, embora muitos falem mal das sogras, mas no meu caso, só tenho a agradecer a Deus por tê-la colocado na minha vida.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu saúde e determinação para realizar este trabalho.

Gostaria de prestar especial agradecimento ao meu supervisor Prof. Doutor Carlos Mussa, que acolheu o tema proposto com incentivos, tendo-me orientando, com competência e dedicação, até a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais Isabel Mapulango e Eugénio Palege que me educaram com dignidade e amor.

A minha mulher, pela paciência e companheirismo durante esse período tão importante da minha vida. Te Amo.

Resumo

Desde a sua fundação, a FRELIMO foi consciente de que o campo educacional era o desafio que devia enfrentar. A sua concepção de educação, assim como a concepção sobre o tipo de sociedade que deveria ser construído, não estavam claramente definidas, desde o começo. Foi no decorrer da luta que a FRELIMO ia formulando, modelando o seu projecto educacional, perfilando um tipo de escola ligada ao povo, às suas causas e interesses. Foi a teoria marxista que serviu de base ideológica para a consciencialização dos guerrilheiros da FRELIMO. Se por um lado a escola colonial defendia o projecto de dominação com a difusão de uma cultura estranha à realidade local e a criação de um estrato de ‘assimilados’, por outro lado ela produzia as contradições que a levaria à sua destruição”. O grande desafio que a FRELIMO teve de enfrentar, foi a falta de programas de ensino que não estivessem associados ao colonialismo.

Desta forma, durante a luta de libertação nacional A FRELIMO enfrentou como problema o desafio de construir uma escola que se adaptasse aos objectivos da Revolução Moçambicana então em curso. Assim, neste trabalho se identifica como problema a questão da falta de escolas nas zonas controladas pela FRELIMO, isto durante os primeiros anos da guerra pela independência. Samora Machel propunha que os aparelhos políticos e militares da Frelimo fossem culturais e que os aparelhos culturais fossem também políticos e militares. No exército devia-se combater mas também educar e produzir. Na escola das “zonas libertadas” devia-se educar mas também produzir e combater. O exército, vanguarda da Frente num momento histórico em que o partido ainda não existia, devia assumir a função educativa do povo, libertá-lo da hegemonia cultural colonial e tribal e ao mesmo tempo combater através da força a dominação política e militar.

Palavras-chave: Currículo, Organização Escolar, e Zonas Libertadas.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACLIN - Associação dos antigos Combatentes da Luta Armada

A.H.M - Arquivo Histórico de Moçambique

FACED - Faculdade de Educação.

FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique.

MINEDH - Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano

MICO - Ministério dos Antigos Combatentes

UEM -Universidade Eduardo Mondlane

OGED - Organização e Gestão da educação

Índice

Declaração de honra	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Lista de Abreviaturas	v
CAPITULO – I: INTRODUÇÃO.....	10
1.1. Tema e Objecto de Estudo.....	10
1.2. Contexto da Pesquisa	10
1.3. Problema	10
1.4. Delimitação espaço-temporal	11
1.5. Objectivos.....	12
1.5.1. Objectivo geral.....	12
1.5.2. Objectivos Específicos.....	12
1.6. Perguntas de Pesquisa.....	12
1.7. Justificativa	13
1.8. Estrutura do trabalho	13
CAPITULO – II: REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1. Enquadramento Teórico e Definição de Conceitos	14
2.1.1 Definição de Conceitos	14
2.1.1.2. Currículo	14
2.1.1.3. Organização Escolar	15
2.1.1.4. Currículo e Organização Escolar nas Zonas Libertadas.....	16
2.2 Fundamentação teórica	17
2.2.1 A Educação nas Zonas Libertadas, 1964 - 1974	17
2.3. Organização escolar nas zonas Libertadas	19
2.4. Instituto Moçambicano	21
2.4.1. O ensino primário.....	22
2.4.2. População alvo e professores do ensino primário	23
2.4.3 Organização escolar e funcionamento das Escolas da FRELIMO	23
3.1. Metodologia e Técnicas de Pesquisa	25
3.2. Universo da População e Amostragem.....	25
3.2.1. População: Perfil sócio - demográfico dos entrevistados para o estudo.....	26
3.3. Procedimentos, sistematização e análise de dados	27

3.4. Constrangimentos durante a recolha de dados	27
CAPITULO – IV: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	28
4.1. Resultados das Entrevistas	28
4.1. Análise das entrevistas	47
4.2. Análise dos Conteúdos Programáticos	47
4.3. O ensino Secundário segundo ZAWANGONI	48
CAPITULO – V: CONCLUSÃO.....	50
CAPITULO – VI: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

CAPITULO – I: INTRODUÇÃO

1.1. Tema e Objecto de Estudo

O presente trabalho tem como tema *Currículo e Organização Escolar nas Zonas Libertadas da FRELIMO, 1964 a 1974*. O objecto de estudo centra-se na análise do currículo escolar aplicado nas escolas da FRELIMO durante a Luta Armada de Libertação Nacional, na província de Cabo Delgado.

O trabalho surge das inquietações em volta da organização e desenvolvimento curricular nas zonas libertadas de Cabo Delgado. Ele enquadra-se no âmbito de conclusão do curso de Licenciatura em Organização e Gestão de Educação, pela Universidade Eduardo Mondlane. Com este trabalho, pretendemos realizar uma análise reflexiva do Currículo e da organização escolar nas Zonas Libertadas da FRELIMO.

Este estudo constitui não só uma oportunidade de aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo dos 4 anos do curso, como também uma oportunidade de poder colher informações sobre a experiência vivida pelas individualidades que estiveram no terreno e/ ou em situações reais nas Zonas Libertadas da FRELIMO. Além disso, pretendemos visitar os manuais e autores que se debruçam sobre este assunto, já que ele é de grande importância para todos Moçambicanos.

Para a elaboração deste estudo foram feitas várias consultas bibliográficas sobre a educação nas Zonas Libertadas da FRELIMO, de 1964 a 1974, com o objectivo de analisar, a organização do currículo escolar nessas zonas no período indicado.

1.2. Contexto da Pesquisa

Este trabalho insere-se no contexto de conclusão do curso de Licenciatura em Organização e Gestão da Educação, é uma pesquisa cuja perspectiva era contribuir para a compreensão da história da educação nas Zonas Libertadas da FRELIMO, para entender a história recente do nosso país.

1.3. Problema

Nas linhas de pensamento da Gasperini (1989, p.22), “ Se por um lado a escola colonial defendia o projecto de dominação com a difusão de uma cultura estranha à realidade local e a criação de um estrato de “assimilados”, por outro lado ela produzia as contradições que a

levaria à sua destruição''. O grande desafio que a FRELIMO teve de enfrentar, foi a falta de programas de ensino que não estivessem associados ao colonialismo. Os ditos programas mal concebidos, próprios de uma revolução, bem como professores mal qualificados. Mas o processo era irreversível. Além de preparar a guerra, através da educação era preciso responder às aspirações do povo, como descreve GOMEZ (1999, p.164):

...Logo a seguir ao Mondlane e falou neste termos: sabemos que a guerra será desencadeamento da luta armada, um grupo de anciões foi ter com o Presidente: Sabemos que a guerra será longa e nós somos já velhos. Não pedimos nada para nós, mas é necessário que as nossas crianças vão à escola. Estamos prontos para todos os sacrifícios. Estas são as únicas coisas que pedimos à FRELIMO.

Desta forma, durante a luta de libertação nacional A FRELIMO enfrentou como problema o desafio de construir uma escola que se adaptasse aos objectivos da Revolução Moçambicana então em curso. Assim, neste trabalho se identifica como problema a questão da falta de escolas nas zonas controladas pela FRELIMO, isto durante os primeiros anos da guerra pela independência. A intenção do estudo é analisar como a FRELIMO superou a carência de estabelecimentos de ensino no decorrer da luta armada de libertação nacional.

Assim, se põe a seguinte pergunta de pesquisa: De que forma a FRELIMO organizou o ensino e o currículo escolar nas suas zonas libertadas para superar a falta de escolas e de quadros?

1.4. Delimitação espaço-temporal

Esta pesquisa tem como espaço de estudo a província de Cabo Delgado e Tanganyika, locais onde durante a luta de libertação nacional se organizou o ensino dirigido pela FRELIMO. O estudo elegeu o período 1964 -1974. Escolheu-se 1964, como marco inicial porque foi nesse ano que iniciou a luta de libertação nacional. Pelo que, o ano 1974 foi escolhido como marco final por ter sido a época do término da luta de libertação nacional.

1.5. Objectivos

1.5.1. Objectivo geral

- ✓ Analisar a organização do ensino e do currículo escolar nas Zonas Libertadas da FRELIMO, 1964-1974.

1.5.2. Objectivos Específicos

- ✓ Caracterizar as Zonas Libertadas da FRELIMO, 1964-1974;
- ✓ Explicar o processo de criação e expansão das escolas nas Zonas Libertadas da FRELIMO;
- ✓ Analisar a organização do ensino e do currículo escolar nas Zonas Libertadas da FRELIMO, 1964-1974.

1.6. Perguntas de Pesquisa

- ✓ De que forma aconteceu a organização escolar e curricular nas zonas libertadas, numa altura em que não havia quadros qualificados?
- ✓ Quem foram os precursores desta “Organização Escolar e Curricular” nas zonas libertadas de Cabo Delgado?
- ✓ Quem foram os alunos das escolas das zonas Libertadas de Cabo delgado de 1964 a 1974?
- ✓ Como a FRELIMO superou o problema da falta de escolas nas suas zonas libertadas?

1.7. Justificativa

A escolha do tema “*Currículo e Organização Escolar nas Zonas Libertadas da FRELIMO, 1964-1974*”, deriva da necessidade de querer compreender como emergiu e evoluiu a educação nas Zonas Libertadas pela FRELIMO, durante a Luta Armada de Libertação Nacional.

O estudo deste assunto é de extrema importância para o país em geral, pois, ele pode contribuir para compreensão da visão, missão e objectivos da Luta Armada de Libertação Nacional desenvolvida pela FRELIMO.

A relevância do estudo decorre do facto de este ajudar na explicação de explicar como se desenvolveu o ensino nas Zonas Libertadas da FRELIMO durante a Luta Armada de Libertação Nacional, sendo pois, uma contribuição para o estudo da História da Educação em Moçambique, na época 1964-1974.

Este estudo partiu da análise das obras de Mazula (1995), Zawangoni (2007), Gómez (1999), Mondlane (1975), Gasperini (1989), Guilherme Basílio (2015), Documentos Base da FRELIMO (1977), UEM-CEA Oficina de História (1983), Eleanor Lemmer (2005) e Luluva (2016), que serão analisadas adiante, na revisão bibliográfica.

Estas obras são importantes uma vez que elas abordam a temática sobre a história de Educação em Moçambique, que abrange igualmente a educação nas Zonas Libertadas da FRELIMO.

1.8. Estrutura do trabalho

Quanto a organização, o trabalho compreende cinco partes específicas: A primeira parte compreende a Introdução, onde encontramos o tema, o Objecto de estudo, o Problema, os Objectivos, as Perguntas de pesquisa, a Justificativa; A segunda parte inclui a Revisão da literatura e o Enquadramento teórico, e definição dos principais conceitos; A terceira parte compreende a Metodologia; a quarta parte inclui a Apresentação e análise de dados e descrição dos momentos históricos que retratam a educação nas Zonas Libertadas da FRELIMO, onde procura-se descrever e explicar os episódios ocorridos nesta altura, fazendo-se igualmente a apresentação dos currículos escolares nas Escolas da FRELIMO. Na quinta parte encontramos as considerações finais do trabalho. Finalmente se apresenta a bibliografia.

CAPITULO – II: REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Enquadramento Teórico e Definição de Conceitos

Para compreensão do assunto estudado neste trabalho, foi necessária a definição dos principais conceitos: Currículo, Organização Escolar, Educação nas Zonas Libertadas e o conceito de Zonas libertadas. Também foi necessário fazer a revisão da literatura que versa sobre a história da Educação nas Zonas Libertadas da FRELIMO, 1964-1974.

2.1.1 Definição de Conceitos

2.1.1.2. Currículo

Os seres humanos garantem sua subsistência pela “transmissão que seus membros mais velhos fazem aos bebês, às crianças pequenas e aos jovens das acções humanas, dos conhecimentos, dos valores e da cultura.” (LIMA, 2007, P.17).

Seguindo esse raciocínio, pode-se inferir que a escola tem um papel fundamental na continuidade da espécie humana: assegurar a apropriação do conhecimento sistematizado. Pode-se, portanto, dizer que a criação da escola decorre fundamentalmente da necessidade de introduzir e socializar as novas formas de actividade humana, assim como de saberes desenvolvidos até então, garantindo a transmissão do conhecimento de geração em geração.

Nesse sentido, o conhecimento é a matéria-prima do trabalho pedagógico escolar por ser, segundo (SCHEIBE, 2006, p.1), produzido e elaborado pelos homens, por meio da interação que travam entre si para encontrar respostas aos desafios que se interpõem entre eles e a produção da sua existência material e imaterial.

O uso do termo currículo no contexto escolar e sua vinculação com o delineamento das actividades educativas é recente. Assim, “o significado do termo currículo é de uso recente e sofreu e sofre modificações para se adequar a contextos históricos e culturais distintos, o que lhe dá certa polissemia” (WIGGERS, 2007, p. 38).

Segundo SACRISTAN (1999, p.61), Currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior à escola e á educação; entre o conhecimento e a cultura herdados e aprendizagem dos alunos; entre a teoria (ideias, suposições e aspirações) e a prática possível, dadas determinadas condições.

De acordo com VEIGAS (2002, p.7), Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efective; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção colectiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito.

Os autores acima citados apontam, necessidades de haver possibilidades de evitar que o currículo não seja trabalhado com os conteúdos isolados, porque na complexidade na qual o mundo se encontra hoje não deveria ser visto e explicado apenas por um lado, mas a partir de uma visão diversificada, construída por vários ângulos da área do conhecimento.

2.1.1.3. Organização Escolar

Segundo LIBANEO, OLIVEIRA & TOSCHI, (2009, p316), organização escolar refere-se aos princípios e procedimentos relacionados à acção de planejar o trabalho da escola, racionalizar o uso de recursos (materiais, financeiros intelectuais) e coordenar, avaliar o trabalho das pessoas, tendo em vista a consecução de objectivos.

Para, SEDANO e PEREZ (1989), cientes da dificuldade da tarefa e no ensejo de não alimentarem polémicas, passaram em revista as principais definições de organização e consideram como elementos pertinentes e relevantes cinco aspetos que passamos a referenciar:

1. Composição da organização (indivíduos e grupos relacionados entre si);
2. Orientação da organização para objetivos e fins;
3. Diferenciação de funções no seio da organização;
4. Coordenação racional e intencional dos recursos e;
5. Continuidade através do tempo.

A definição de organização escolar identifica-se com facilidade em qualquer definição genérica de organização. Neste sentido, podemos entender que a organização escolar é uma unidade social que reúne pessoas que interagem entre si, com vistas a alcançar objectivos educacionais. O mais importante é que os alunos permaneçam na escola, disponham de tempo e de espaço para que possam desfrutar o que a mesma lhes oferecer inclusive a oportunidade de adquirir conhecimentos e uma experiência de cidadania.

2.1.1.4. Currículo e Organização Escolar nas Zonas Libertadas

Segundo LULUVA (2016, p101), a Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO, é um movimento nacionalista que esteve à frente da luta de libertação de Moçambique. Ela liderou, desde então, a introdução de um novo conceito de educação em Moçambique criando novo paradigma. A FRELIMO perspectivou uma educação contrária à educação colonial, procurando construir uma educação mais inclusiva e igualitária, eliminando os focos que conduzissem a violência, submissão e marginalização em prol da libertação dos Moçambicanos.

MAZULA (1995, p65), na sua obra “Educação, Cultura e Ideologia”, faz uma ruptura com o sistema de educação colonial, que apenas servia os interesses da burguesia colonial e não correspondia às demandas da revolução. Assim, a educação surgia como reivindicação popular, em que se tratava de transformar qualitativamente a educação e o crescimento qualitativo de escolas ou centros educacionais para responderem às necessidades da luta e às exigências das populações.

A GASPERINE (1989,p.23), na sua obra Moçambique: "educação e desenvolvimento rural" faz menção ao pensamento de Samora Machel: *"que os aparelhos políticos e, militares da Frelimo fossem culturais e que os aparelhos culturais fossem também políticos e militares. No exército devia-se combater mas também educar e produzir. Na escola das zonas libertadas devia-se educar mas também produzir e combater."* No pensamento de Machel, da análise feita ao problema chave da ligação produção-estudo pode nascer um contributo para melhorar a eficácia interna do sistema educativo.

GOMEZ (1999, p150), na sua obra “Educação Moçambicana – Historia de um processo: 1962 – 1984”, faz um estudo comparativo entre a educação colonial, a educação durante a luta de libertação nacional e os primeiros anos da independência. Segundo este, a educação colonial para além de justificar a opressão burguesa procurava despersonalizar o Moçambicano, tornando-o dócil do colonialismo sendo sua aspiração máxima viver como o colono, a cuja imagem foi criado.

Na sua sua visão Machel recordou que a cultura e a educação constituem problemas fundamentais do nosso povo, delas dependia em definitivo a criação da nova mentalidade (Machel, 1978, p.7).

ZAWANGONI (2007, p.38) na sua obra ‘ a Frelimo e a formação do Homem novo (1964-1974 e 1975-1982) ‘faz uma abordagem sobre a experiência educativa da FRELIMO durante a luta de libertação nacional no que respeita aos objectivos e conceitos. Ele também aprecia o impacto dessa experiência nas escolas primárias e secundárias nos primeiros anos da independência.

Assim, da confrontação dos autores acima analisados ficou a ideia sobre a questão da educação desde o período colonial, passando pela educação nas escolas da Frelimo, tanto em Moçambique como no estrangeiro, durante a luta armada de libertação nacional e a educação pós- independência.

A grande particularidade deste trabalho é permitir abordar a educação no período específico (1964 a 1974), a partir de uma reflexão feita através de testemunhas e documentos que retratam o assunto com profundidade.

Desta forma, durante a luta armada de libertação nacional (LALN) o currículo das escolas da FRELIMO se estruturava e se organizava como segue: Ensino Primário, Ensino Secundário. O ensino primário era frequentado por crianças, e pelos guerrilheiros. Não se especificava a idade de ingresso. Já o ensino secundário era para os alunos que concluíam o ensino primário. Além destes níveis havia a alfabetização e educação de adultos, para os guerrilheiros que não sabiam ler nem escrever. O ensino era dado na língua portuguesa.

2.2 Fundamentação teórica

2.2.1 A Educação nas Zonas Libertadas, 1964 - 1974

Desde cedo, a FRELIMO insistiu na importância e necessidade de ter uma educação para o avanço da própria luta. Para Eduardo Mondlane, a educação era uma condição político-ideológica básica para o sucesso da luta.

Para MONDLANE (1975: 137), “...o problema do treino não envolvia apenas o aspecto militar. As deficiências do sistema educacional português significavam que o nosso movimento tinha uma enorme falta de quadros em todos os campos.”

O bom resultado da futura acção armada criou a necessidade de gente com qualificações técnicas e certo nível de educação básica. Acima de tudo, o estado de ignorância no qual quase toda a população tinha sido mantida dificultava o desenvolvimento da consciência

política e ainda mais o desenvolvimento do nosso país depois da independência. Havia a tarefa de recuperar anos de diligente negligência sob o domínio português. E, assim, foram concebidos, lado a lado, um programa militar e um programa educacional como aspectos essenciais da nossa luta.

Como primeiro passo do programa educacional - diz Eduardo MONDLANE (1975:137-138)

...uma escola secundária, o Instituto de Moçambique, foi fundada em 1963 em Dar-es-Salam (capital da Tanzânia), para educar crianças moçambicanas que já tinham saído de Moçambique, enquanto ao mesmo tempo se providenciava no sentido de que houvesse bolsas de estudo para institutos estrangeiros de altos estudos, destinados àqueles refugiados que possuíam qualificações adequada.

Enquanto isso, o Departamento Educacional da FRELIMO encarregou-se de *‘preparar um sistema de educação no interior de Moçambique logo que o programa militar tivesse ido suficientemente longe para dar a segurança necessária’* (MONDLANE, 1975, p. 138).

Tratava-se de transformar qualitativamente a educação e o crescimento quantitativo de escolas ou centros educacionais para responder às necessidades da luta e às exigências das populações. Ou seja, a “nova escola” devia permitir a apropriação duma “nova maneira de pensar e agir”, própria à organização da produção e do consumo de autónomos, à promoção de um desenvolvimento caracterizado pela melhoria das condições de vida e capaz de conferir-lhe um papel dirigente na sociedade e na economia, criar um sistema de educação condizente, diferente da educação colonial e tradicional, rejeitando, ao mesmo tempo, “a educação formal académica como modo legítimo de educação”, e introduzir «formas mais amplas e permanentes de educação» (MONDLANE, 1975, p. 138).

A educação constituía-se num dos três eixos da revolução, ao lado da Produção e do Combate, articulados dialecticamente. A palavra de ordem era “Estudar, Produzir, Combater”. Assim, a educação não era apenas tarefa dos professores, nem somente se destinava a crianças. Todos se envolviam nela, inclusive o próprio exército.

Diferenciando os objectivos do sistema de ensino colonial do ensino praticado nas Zonas Libertadas, Gómez (1999, p.92) refere que: *‘A escola do colonialismo estava direccionada*

para servir os seus interesses em clara contradição com os interesses económicos, políticos, sociais e culturais da população africana.”

Contrariamente, a escola nascida da luta pela libertação deveria formar o homem moçambicano, livre da opressão e de alienação colonial, capaz de recuperar, individualmente e colectivamente, a sua história e dignidade”. Refere ainda que a necessidade de libertar a terra e os homens do domínio colonial, fez com que os militantes da FRELIMO concebessem uma educação ao serviço do povo moçambicano. Durante a Luta de Libertação Nacional, a educação era uma questão que preocupava os militantes da FRELIMO, uma vez que estes na sua maioria eram desprovidos de educação básica e a guerra impunha uma mínima escolarização.

Esta preocupação é manifestada por GÓMEZ (1999, p.130) quando afirma que:

Desde a sua fundação, a FRELIMO foi consciente de que no campo educacional muitos e grandes eram os desafios que devia enfrentar. A sua concepção de educação, assim como a concepção sobre o tipo de sociedade que deveria ser construído, não estavam claramente definidas, desde o começo. Foi no decorrer da luta que a FRELIMO foi formulando, modelando o seu projecto educacional, a FRELIMO foi perfilando um tipo de escola ligada ao povo, às suas causas e interesses.

E quanto a teoria e ideologia, o estudo se inspira na teoria marxista, que apoia a ideia de que a luta de classes é o motor da história, uma vez que a FRELIMO se inspirou no marxismo para alavancar a Revolução Moçambicana e para superar os complexos criados pelo colonialismo português. Donde a base teórica se inspira no materialismo dialéctico e histórico, ambos constituintes do marxismo. Foi a teoria marxista que serviu de base ideológica para a consciencialização dos guerrilheiros da FRELIMO.

2.3. Organização escolar nas zonas Libertadas

Quanto aos mecanismos de funcionamento das escolas criadas nas “zonas libertadas”, Mondlane (1975, p197) refere que por falta de recursos humanos devidamente preparados, o grau de instrução ministrado nas referidas escolas não passava do rudimentar, orientado para necessidades das crianças tendo em conta o seu contexto cultural, aliado ao contexto da luta

nacional. Incluía disciplinas como a Língua Portuguesa, História e Geografia de Moçambique, e, entre várias matérias, destacava-se a leitura, a escrita, aritmética e o civismo.

Paralelamente ao ensino, as escolas da FRELIMO praticavam agricultura e outras actividades afins e o ensino mais especializado era feito no Instituto de Moçambique a funcionar em Dar-es-salam, na República Unida da Tanzânia. O que se deve perceber em todo esse processo de ensino nas zonas libertadas foi a necessidade de, mediante as exigências da guerra, moldar uma nova sociedade, livre dos preconceitos coloniais e capaz de compreender a necessidade da guerra, levando-a até à independência nacional. (Mondlane, 1975)

O programa da escola primária era apenas uma parte do trabalho feito pelo Departamento da Educação. Este tentava remediar esta situação organizando meios de educação mais adiantada, e cursos especializados para jovens seleccionados que já tenham recebido instrução básica. O Instituto Moçambicano, que ainda funcionou em Dar-Es-Salam, onde se realizava este trabalho, embora a natureza e o âmbito das suas actividades tenha mudado consideravelmente desde a fundação em 1963. O Instituto começou a financiar também escolas primárias para refugiados Moçambicanos na Tanzânia.

E naturalmente, desde o início, foi chamado a fornecer fundos para as novas escolas em Moçambique e para outros programas tornados necessários e pela criação de zonas libertadas. Nestes programas estavam incluídos bastantes cursos novos organizados em conjunto com a Frelimo e orientados com o auxílio de alguns professores do Instituto.

O primeiro foi o Curso de Enfermagem, preparando os alunos para tomar parte no novo programa de saúde de Moçambique. Seguiu-se a criação de um curso política e administrativo para aqueles que trabalha no governo local das zonas recém-libertadas. Em 1968 foi criado um curso para professores primários (Idem, 198, 199).

Como reflexo dessa articulação, o sistema educativo estruturava-se em:

- ✓ Educação formal;
- ✓ Alfabetização e escolarização de adultos e;
- ✓ Formação de professores.

A educação formal, destinada a crianças e adolescentes que viviam nas zonas libertadas, abrangia quatro níveis:

- ✓ O Pré-Primário, ministrado em Centros Infantis,

- ✓ O Primário, de quatro séries, ministrado em escolas do interior do país e na Tanzânia;
- ✓ O Secundário de quatro séries, ministrado na Escola Secundária de Bagamoyo (Tanzânia), e;
- ✓ O Universitário, que não chegaram a funcionar: os alunos que atingiam este nível eram enviados para o exterior.

2.4. Instituto Moçambicano

De acordo ZAWANGONI (2007, p.38-39), inicialmente o Instituto Moçambicano foi concebido e criado pela Família Mondlane como “empreendimento privado” e tinha dois grandes objectivos: atrair jovens moçambicanos refugiados que, tendo feito parte do curso secundário, tivessem a vontade, capacidade e idade própria para poder continuar os estudos, e assim constituir uma base de apoio para a formação de quadros Moçambicanos para a Frente e para o futuro de Moçambique independente (FRELIMO, 1968). Era uma alternativa de acesso ao ensino primário, onde o nível secundário foi concebido para preparar os alunos para o ingresso no nível superior que na colónia era impossível para a maioria.

O Instituto tinha quatro órgãos:

1. O Conselho Geral Docente;
2. Comissão Disciplinar,
3. Administração da escola e;
4. O Conselho dos estudantes.

Com esta estrutura simples, mas operacional, nas zonas libertadas se formaram os primeiros quadros e guerrilheiros, num novo contexto, onde a FRELIMO dominava exclusivamente, alguns dos quais são hoje técnicos, altos funcionários do Governo e dirigentes do Partido, entre outros.

Desde 1962, programaram-se três níveis, nomeadamente: o primário, o secundário e o superior.

O ensino primário era para os alunos já nos níveis rudimentar e complementar incompletos,

O ensino secundário se destina aos que tinham iniciado seus estudos nas escolas oficiais ou missionárias com este nível;

O ensino superior tinha em conta os alunos que eram seleccionados para frequentar o ensino superior no exterior. Até à crise de 1968, o Instituto ministrou cursos dos níveis primário e Secundário regulares, da primeira à oitava classes. Ministrava também cursos secundários de qualificação acelerada para a obtenção do grau Secundário para beneficiar das bolsas de estudo que vários países ofereciam A Frelimo, paralelamente se criou o Instituto para onde se enviavam parte significativa dos seus alunos do ensino secundário, que também frequentavam o African American Institute, perto do Instituto Moçambicano.

Além dos níveis primários e secundário, o Instituto formava técnicos de Saúde, Acção Social, Informação e Propaganda, Administração, Diplomacia, Fotografia, Produção de Materiais Educacionais e Educação de Adultos.

O Instituto funcionou quatro anos e conheceu uma crise conjuntural que provocou o seu encerramento e originou a criação da Escola Secundaria em Bagamoyo (1970), bem como a introdução da 4ª classe em Tunduru em 1970, onde, até 1969, o ensino não ia para além da 3ª classe. Já em 1967, Armando Emílio Guebuza, então Secretário do DEC, alertava os estudantes acerca dos desvios que consistiam na opinião corrente que quem era formado no Instituto seria futuro dirigente.

Segundo GASPERINI (1989, p.27), este instituto pretendia cobrir a diferença que existia entre a formação dos jovens moçambicanos e o nível exigido pelos liceus tanzanianos e pelos cursos médios e superiores de outros países. Por decisão da Frelimo, os estudantes do Instituto iam um mês por ano para as zonas libertadas e aqui participavam nos diferentes momentos da vida das comunidades camponesas.

Trabalhavam na produção, transportavam material bélico e alimentos, alfabetizavam os adultos, participavam na guerra. Para a Frelimo, o objectivo era impedir que os estudantes se alheassem da realidade do seu país, da produção e da luta de libertação. O mesmo princípio foi mantido a seguir para os estudantes da escola secundária de Bagamoyo, criada para substituir o Instituto moçambicano um ano e meio após o seu fecho, que teve lugar em 1968.

2.4.1. O ensino primário

Segundo ZAVANGONI (2007, p46,47), as primeiras escolas primárias criadas pela Frelimo surgiram entre finais de 1965 e princípios de 1966, coincidido com fase de criação de zonas libertadas. Na Tanzânia, foram criadas as escolas primárias de Bagamoyo, Tunduru, Rutumba e Lindi-Masasi. Nas províncias de Niassa e Cabo Delgado, foram criados alguns Centros nas

Zonas libertadas. Cronologicamente, significa que estas escolas foram criadas um ano depois da criação oficial do Instituto Moçambicano e o seu rápido desenvolvimento resultou do avanço da luta armada, da diplomacia da frente e do prestígio de Eduardo e Janete Mondlane, que apostavam no ensino Secundário e superior.

2.4.2. População alvo e professores do ensino primário

Na sua maioria, os alunos que ingressavam no ensino primário eram adolescentes, com ou sem escolaridade primária, que aderiam à frente crianças em idade escolar que se encontravam nos centros de refugiados e crianças e adolescentes das bases das zonas libertadas.

Segundo ZAWANGONI (2007), não existe uma informação objectiva que confirma o número exacto dos alunos do ensino primário durante a luta de libertação nacional. A maioria dos professores tinha formação elementar (4ª classe) e poucos tinham formação profissional obtida nos centros de formação de professores das instituições religiosas, o que significa que o programa ministrado correspondia ao nível rudimentar/elementar do sistema colonial.

Contudo, com o avanço da luta e a integração de novas áreas sob o controlo/administração da Frelimo, cresceu o número de professores qualificados, facto que permitiu a introdução gradual de professores qualificados, isso permitiu a introdução gradual de todas as classes do ensino primário e a transformação do ensino rudimentar e/ou elementar em ensino primário oficial do sistema colonial.

Foi neste contexto que o centro educacional de Tunduru se transformou em escola Primária completa e “ Centro Piloto” de ensino primário e de capacitação pedagógica dos professores, através de cursos de curta duração e seminários de formação.

2.4.3 Organização escolar e funcionamento das Escolas da FRELIMO

A organização das escolas dependia das directivas do Departamento de Educação e Cultura, órgão central de decisões concepção e implementação do projecto “educação”. Entre 1962 a 1964, o DEC foi dirigido pelo Presidente da Frente, Eduardo ChivamboMondlane, e mais tarde, por João Unhai, Armando Guebuza, Eduardo Coloma e Gidion Ndohe.

De acordo com ZAWANGONI (2007: 48), nas Zonas Libertadas foi criado o Departamento de Educação e Cultura para as províncias de Tete, Niassa e Cabo

Delgado. O DEC desta última província foi sucessivamente dirigido por José Elias Chivanuvanu e José Mepo Anaingonda, coadjuvado por Matias Manuel Capesse; o de Tete, por Feliux Amane Muzezera, Ermelindo Mwiya, João Chifombo e Crispen Matches; o de Niassa Oriental por Silvério Marcos Msipol, por António Kunchenje, Domingos Muiambo e Victor Mahoka.

As escolas eram dirigidas por um director nomeado pelo Chefe da DEC. A supervisão por província estava a cargo do Inspector e Inspector-Adjunto. Não tendo sido possível obter informações sobre a situação em Niassa e Tete, sabe-se contudo que, na província de Cabo Delgado, foram inspectores Marcelino Chipambe e Mateus Aleixo Kaindi, Inspector e Inspector-adjunto, respectivamente.

Nestas zonas, a revolução da rede escolar passou por três fases:

Numa primeira fase, verificou-se o surgimento espontâneo de escolas, nas quais leccionavam indivíduos com 2ª e 3ª classe do ensino primários e, raramente, com a 4ª classe. Este fenómeno interessante, que se veio a repetir nos primeiros dois anos da independência, foi motivado, entre outros factores, pela mobilização da Frelimo sobre a importância da educação para a luta e reconstrução nacional depois de 1975. (Idem)

Na segunda fase se iniciou o processo gradual de planificação das escolas, sem prejuízo da iniciativa popular. Este esforço, que visava a sustentabilidade da expansão da rede escolar, motivou também a criação de uma capacidade de planificação do DEC central, emergência de DEC's nas províncias, bem como o esforço em dotar as escolas de recursos humanos, financeiros materiais educacionais. (Idem)

Já na terceira fase, começou haver escolas primárias completas, com a consolidação dos "centros pilotos" nas zonas libertadas e o início da reflexão e sintetização das experiências no domínio de metodologias, de práticas de ensino, aquisição e produção de material didático, organização escolar, planificação e qualificação de professores. Tunduru tornou-se num centro por excelência destas acções. (Idem, p.49).

CAPITULO – III: METODOLOGIA

3.1. Metodologia e Técnicas de Pesquisa

A pesquisa usou a abordagem qualitativa. Quanto ao tipo, este estudo é uma pesquisa qualitativa e explicativa. Trata-se de estudo de caso que dá prioridade o aprofundamento da análise do processo de ensino e do currículo escolar desenvolvidos nas Zonas Libertadas da FRELIMO.

No que se refere a metodologia, o estudo fez uso de distintos métodos e técnicas, dentre os quais se destacam o método de observação indirecta, que se consubstancia no uso de imagens e fotografias que retratam a história das zonas libertadas da FRELIMO. Ademais o estudo usou a análise bibliográfica e a consulta de documentos diversos relacionados com o tema.

No que se refere as técnicas de pesquisa se privilegiou a técnica de entrevistas, recorrendo a perguntas abertas. Como instrumento de recolha de dados foi usado um guião de entrevistas, aplicado aos diversos indivíduos que estiveram nas Zonas Libertadas da FRELIMO. Entre estes indivíduos se destacam antigos combatentes, antigos alunos e professores das escolas da FRELIMO durante a Luta Armada de Libertação Nacional (1964-1974).

Como se afirmou, o estudo privilegiou as entrevistas uma vez que estas permitem a recolha de informação junto de pessoas que viveram os factos relatados, relacionados com o ensino nas Zonas Libertadas da FRELIMO, durante a Luta Armada de Libertação Nacional (1964-1974).

De realçar que neste estudo se aplicou a técnica de análise de conteúdos.

3.2. Universo da População e Amostragem

Para a realização deste estudo foi considerada um universo que abrange 130 indivíduos. Desta população foi escolhida uma amostra de 15 indivíduos: 1 professora e 1 professor; 5 alunos (2 alunas e 3 alunos); 2 antigos responsáveis de escolas (directores e outros gestores); 6 combatentes da Luta de Libertação Nacional (3 homens e 3 mulheres).

Os indivíduos da amostra foram escolhidos aleatoriamente.

3.2.1. População: Perfil sócio - demográfico dos entrevistados para o estudo

O pesquisador conversou com antigos combatentes, num total quinze (15) participantes, com idades compreendidas entre 65 – 80 anos e com níveis de escolaridade entre elementar até superior. Na maioria, os participantes deste estudo são antigos combatentes da luta de libertação Nacional, residentes nos Bairros Militar, Maxaquene e Magoanine. As identidades dos participantes deste estudo são reais, uma vez que os depoimentos foram consensuais. A tabela a baixo discriminada detalha o perfil de alguns participantes do estudo.

Tabela -1: Perfil sócio - demográfico dos entrevistados, envolvidos no estudo

Ordem	Nomes dos antigos combatentes	Ano de Ingresso na FRELIMO	Cargo ocupado durante a Luta de Libertação
1	Salvador Zawangoni	1967	Aluno
2	João Simba	1963	Militar – Chefe de secção/ mais tarde Chefe de Pelotão
3	Alberto Jussai Cossa	1971	Chefe de Pelotão
4	Roque Alves Aguacher	1970	Chefe de contra inteligência Militar; Actualmente Coronel na Reserva
5	Fátima Basílio Razão	1971	Aluna
6	Jaime Manupa Canhaga	1964	Militar – Comandante da Companhia
7	Manuela Crispin	1970	Militar e Aluna
8	Henrique Madebe	1960 na MANU	Professor e fundador de centro de preparação militar em 1965; Oficial militar
9	Severiana Carlos Liguele	1970	Aluna
10	Vicente João Coveque	1966	Dirigente da Educação
11	Atija Mussulumade	1972	Militar e Professora

12	Habiba Afido	1971	Aluna
13	Cristóvão Samuel	1966	Militar/ Aluno
14	Farida Floriano Dembe	1953	Militar
15	Placido Salatiel	1947	Militar

Fonte da tabela: Elaborada pelo pesquisador, a partir do trabalho no terreno, em Fevereiro de 2017.

3.3. Procedimentos, sistematização e análise de dados

Durante o trabalho etnográfico quize entrevistas foram gravadas em Ipad e anotadas no caderno. As conversas foram gravadas e anotadas com consentimento dos entrevistados. Concluídas as anotações e gravações, foram passadas a limpo. Procurou-se olhar o que os entrevistados disseram sobre o currículo e organização escolar durante a luta de libertação de Moçambique. Este procedimento ajudou – nos a compreender como foi a organização curricular nas zonas libertadas mesmo durante a guerra.

A análise dos dados constitui na selecção, categorização e interpretação de depoimentos das conversas que se referem a organização curricular nessas zonas. É assim que de seguida os dados foram organizados em tópicos e as descrições de cada são ilustrados por discursos dos participantes e discutidos com recursos à revisão literária.

3.4. Constrangimentos durante a recolha de dados

Ao longo deste estudo, há que destacar que houve alguns constrangimentos ou limitações que o autor viveu no decurso da realização do trabalho, com principal enfoque no processo de recolha de dados, tanto ao nível das estruturas do Ministério dos Combatentes (MICO), Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLIN) e Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH), como ao nível dos veteranos que participaram na luta de Libertação Nacional. No que refere aos primeiros grupos, surgiram muitas dificuldades na recolha de informação, onde a maior parte das pessoas contactadas resistiu mostrando indisponibilidade para fornecer dados ou prestar declarações, alegadamente por desconhecimento do assunto, no segundo caso, houve menos dificuldades, sendo que apenas alguns Veteranos se recusaram a prestar declarações, porque queriam ser pagos.

CAPITULO – IV: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A apresentação e análise de dados constituem na selecção, categorização e interpretação dos depoimentos extraídas das conversas tidas com os antigos combatentes da luta de libertação de Moçambique. De seguida os dados foram organizados em tópicos e as descrições dos tópicos são ilustrados por discursos dos participantes, colhidos através das entrevistas e discutidos com recurso à revisão da literatura.

LULUVA (2016, p.101) diz que a Frente de libertação de Moçambique – FRELIMO, movimento nacionalista que esteve à frente de luta de libertação de Moçambique, liderou o processo de luta introduzindo um novo conceito de educação em Moçambique. A FRELIMO sempre perspectivou uma educação contrária à educação colonial, procurando construir uma educação mais inclusiva e igualitária, eliminando os focos que conduzissem a violência submissão e marginalização em prol da libertação dos moçambicanos.

De acordo com ROBATE (2006), a escolarização de moçambicanos no período colonial tinha em vista garantir que estes desempenhassem funções nos sectores produtivos e comerciais emergentes da injeção de capitais internacionais, e nos aparelhos do Estado colonial, onde garantiriam serviços públicos mínimos. Uma ruptura com o sistema de educação colonial, que servia os interesses da burguesia colonial e não correspondia, por conseguinte, às demandas da revolução.

Como primeiro passo do programa educacional, Mondlane (1995) diz que, como escola secundária, o Instituto de Moçambique foi fundada em 1963, em Dar-Es-Salam (capital da Tanzânia), para educar crianças moçambicanas que já tinham saído de Moçambique. Ao mesmo tempo, se providenciava no sentido de que houvesse bolsas de estudo para as universidades e institutos de altos estudos no estrangeiro, destinados àqueles refugiados que possuíam qualificações adequadas (MONDLANE, 1975: 137).

4.1. Resultados das Entrevistas

A seguir vamos explorar os depoimentos dos veteranos que estiveram directa ou indirectamente envolvidas na luta de libertação de Moçambique, que por sua vez foram Alunos, Professores e Dirigentes durante a luta, concretamente nas zonas libertadas.

1º - A Entrevistado/ Antigo combatente, de nome Salvador Zawangoni de 65 anos

Pesquisador: Quantos anos o senhor tinha quando ingressou na escola das zonas libertadas?

Eu sou de 1952. Entro no centro educacional de Tunduro e, entro lá porque na nossa província estava a desenrolar a luta de libertação nacional. Quando começa a luta pela libertação nacional os dirigentes que estavam a frente da luta, se aperceberam que havia a necessidade de associar a educação com a luta, porque caso ganhassem precisariam de pessoas para dirigir os ministérios, e outros locais. No meu caso eu tive sorte quando os nossos comandantes da FRELIMO, que posso dar exemplo como Sebastião Marcos Mabote, Fernando Matavle, José Moiane, que estando a operar nas províncias de Niassa receberam a missão de mobilizar jovens miúdos que estivessem interessados em estudar nas escolas que a FRELIMO tinha aberto na Tanzânia, é quando passaram da casa dos meus pais e quando perguntaram eu levantei, e naquela altura na família Zawangoni fui o único, assim alinhei para Tanzania em 1967 na companhia de 15 colegas. Eu frequentei a escola primária de Tunduru em 1967. Comecei o ano de 1967 na 1ª classe durante a professora entendeu que eu estava a queimar o tempo na 1ª classe e empurrou-me para a 2ª classe, mas ia lá com medo, não tinha certeza de que eu havia de passar de classe, então no ano seguinte fiz a 3ª classe em 1968, concluída a 3ª classe eu com mais alguns colegas finalistas da 3ª classe arrumamos para escola, também escola primária, chamada centro educacional de Bagamoyo onde conclui a 4ª classe em 1969. (Zauangoni, entrevista em 2017)

Pesquisador: O que é que faziam os alunos nas horas extracurriculares?

Para além das actividades escolares propriamente ditas tínhamos actividades extracurriculares, por exemplo nós durante as horas livres construíamos as nossas salas, casernas e a produção agrícola, no centro de Tunduro chegou um momento em que se afirmou auto-suficientes na produção de comida e criação de animais nessas actividades todas nos participávamos e estas eram as actividades extracurriculares onde estudei. (Zauangoni, entrevista em 2017)

Pesquisador: Quais foram as disciplinas que tiveram?

“Tínhamos Geografia, Português, Biologia e Matemática”

Pesquisador: Como era a relação entre os professores e aluno?

Sendo eles bons professores e nós naquela altura, os poucos contemplados lá muitos precisavam daquela oportunidade rara, o nosso relacionamento com os professores era bom, por que estávamos longe das nossas famílias, portanto eles como nos ensinavam tanto nos educavam. (Zauangoni, entrevista em 2017)

Pesquisador: Mais ao menos, quantos alunos tinha cada turma?

“A volta de 25 alunos”

Pesquisador: Podes falar do currículo usado nesse tempo?

Desde cedo a FRELIMO, entendeu que o interesse do regime colonial, estava focado para defender os interesses do regime colonial tinha que ser adaptado para aquilo que éramos objectivos da luta de libertação nacional, os dirigentes nas reuniões diziam sempre que deviam ser reformulados para reflectir aquilo que era os objectivos da luta formarmos uma perspectiva de como moçambicana com identidade própria. A história e a Geografia por exemplo, nós não estávamos a estudar a geografia de

Portugal, nem história de Portugal, era história e geografia daqui mesmo, portanto houve adaptação daquele programa aí, agora como é que isso se fez pergunte os dirigentes. (Zauangoni, entrevista em 2017)

Pesquisador: Os professores eram militares?

“Não, até 1969 os professores eram civis, mas depois de 1969 todos foram treinados”. (Idem)

2º Entrevistado/ Antigo Combatente: João Simba, de 73 anos:

Pesquisador: Como é que conheceu a FRELIMO?

‘...conheci quando ouvi que o Presidente precisa tirar o branco e, eu era pequeno, portanto chegou o nosso camarada Chiluvane, e levou nós para Mueda, e começa o trabalho no terreno, treinar militar, estava treinar com bengala e queria arma para treinar, então dai fez este treino e chega o tempo que vem arma de China então chegou no campo com ele, dai ficamos começamos fazer o trabalho, dai houve organização para ir lutar. (Entrevista a João Simba, em 2017)

Pesquisador: Onde, e em que ano integrou-se na Frelimo?

Foi em Janeiro de 1963, Samora disse vamos fazer organização para então lutar, e houve pessoas grandes que fizeram organização de barcos para nós atravessar o rio para outra área, porque estivemos naquele lado, atravessava com aqueles barcos de caixa de arvores, então andava a perder muitos camaradas porque tinha muitos Jacares, depois quando cair o seu amigo você não podia disparar a arma porque o inimigo era demais na fronteira, no Rovuma naquele lado do nosso, dai nós atravessávamos para ir lutar, depois chegou o tempo de nós estar lá de vês, lutar lá, cada pessoa ficar na base dele, tudo ali. Ali papa tinha mais “ma-Quelimanes” (gente oriunda de Quelimane/Zambézia), como Joana Maximeão, mais Simango, mais aquele Murrupa esses eram rico, então Mondlane quando disse assim vamos lutar, esses diziam eu não pode lutar, só posso lutar na minha província, então Mondlane disse assim, vamos lutar do Rovuma ao Maputo todos nós, não há criança não há grande, então vamos fazer assim, então lutamos em Cabo-Delgado. (Idem)

Pesquisador: Como foi o seu recrutamento?

Eu fui sozinho, porque queria lutar para salvar o povo, porque eu tinha rancor, então quando ouvi Mondlane dizer vamos lutar eu fui sozinho, mas era difícil chegar lá, muitos morreram a querer chegar lá, muitos como Chissano e Machel sofreram para chegar lá. Eu era também grupo de ataque, eu estava com Marcos Manuel, nós era grupo de ataque. (Idem)

Pesquisador: Que idade tinha quando ingressou na FRELIMO como militar?

“ Eu tinha 19 anos” (Idem)

Pesquisador: Como militar o que fazia para defender as escolas, olhando para a situação na qual nos encontrávamos, que era de guerra?

“Nós não dormíamos papa, nós fazíamos trocas, para aquelas crianças que estão ali estudar bem, não dormia, quando outros estão em casa, outros a guarneciam as crianças”. (Idem)

Pesquisador: Os seus instrutores eram Moçambicanos?

“Sim eram Moçambicanos e Zimbabwianos” (Idem)

Pesquisador: Como era o convívio entre os Militares e Civis?

“Nós ajudávamos a eles e, eles ajudavam a nós” (Idem)

Pesquisador: Será que no teu grupo tinha mulheres, se tinha o que é que elas faziam?

“Sim tinha mulheres, mas eram poucas, ajudavam no carregamento de matérias, e também iam ao combate” (Idem)

Pesquisador: O senhor chegou de assumir alguma função de chefia?

“Sim fui chefe de Secção. E, quando acabou a guerra fiquei chefe do Pelotão”
(Idem)

3º - Entrevistado/ Antigo Combatente: Alberto Jussai Cossa

Pesquisador: Como conheceu a FRELIMO?

Alberto Jussai Cossa, 69 anos

Antes de saber da existência da FRELIMO, no tempo colonial, o meu pai trabalhava na Rodésia do Sul, na mesma altura perdi a minha mãe, durante esse percurso de ida e volta para Zimbabwe, o meu pai ficou a saber da existência da FRELIMO, então ele é que me informou, porque em 1967 foi entrado por alguém na Fronteira de Vila de Palma que lhe informou de que há homens que estão em Tanganhica para libertar este país. (Entrevista a Alberto Jussai Cossa, em 2017)

Pesquisador: Como foi o seu recrutamento?

Quando meu pai morre em 1971, decidi sair a pé com os dois meus amigos até Cabo-Delgado, depois entramos em Tanzânia, onde perguntamos algumas pessoas se não conheciam um movimento de

Moçambicanos que estava lá para fazer uma organização para Libertar Moçambique, andamos muito a perguntar até que mais tarde encontramos. Depois de treinos nos enviaram para Zambézia com Gruveta, porque Gruveta era natural de Zambézia e ele conhecia bem. Fiquei 2 anos e depois enviaram – me para cabo Delgado. (Idem)

Pesquisador: Que idade tinha quando ingressou nas fileiras da FRELIMO como militar?

“Eu entrei cedo porque tinha perdido país, só tinha 16 anos”. (Idem)

Pesquisador: Os seus instrutores eram Moçambicanos?

“Sim eram Moçambicanos e Tanzanianos”. (Idem)

Pesquisador: Como era o convívio entre os Militares e Civis?

“A relação era boa, porque nem tínhamos comida, nem água, a população é que trazia comida para nós, agente o colono podia passar enquanto estamos aí dentro e perguntar se não viu pessoas de armas aqui, a população dizia não.” (Idem)

Pesquisador: O senhor chegou de assumir alguma função de chefia?

“Sim, eu era chefe de Pelotão” (Idem)

Pesquisador: Quais foram as razões fundamentais que lhe levaram a ingressar nas fileiras da FRELIMO como militar?

“Eu ia vingar a morte do meu pai.” (Idem)

Pesquisador: Que dificuldades enfrentavam no vosso quotidiano nas zonas libertadas?

“Fugir da PIDE e DGS,, esses estavam a controlar todas as fronteiras, inclusive mesmo em Tanzaniai, muitos Moçambicanos morreram em Tanzânia, são grandes dificuldades que enfrentamos”. (Idem)

Pesquisador: Considerando que os militares da FRELIMO eram de diversas origens do nosso país, como era a vossa relação nos quartéis/ bases?

Mesmo hoje estamos a combater isso aí, como provenientes a qui, os naturais daqui dizem que nós “Chingondo”, Samora Machel e Mondlane Criou esse unidade nacional, porque o tribalismo e racismo quem combateu foi Eduardo Chivambo Mondlane, e Samora seguiu, nós eramos irmãos só dizer

“Fusseca” eu dizer você, eramos punidos e nos mandavam dormir no mesmo sitio e cobrir a mesma manta, isso para nos criar amizades. (Idem)

Pesquisador: Tinha escolas lá onde o senhor esteve?

“*Ali em Ancuabe mesmo, havia escola ali.*” (Idem)

Pesquisador: O senhor estudou nessas escolas?

“*Sim*” (Idem)

Pesquisador: Quais eram as disciplinas que davam lá?

“*Português, Matemática, Biologia, e a educação Moral, para saber respeitar outra pessoa*”. (Idem)

4° - Entrevistado, Antigo Combatente: Roque Alves Aguacher, Coronel na Reserva, de 73 anos.

Pesquisador: Como conheceu a FRELIMO?

Foi em 1970, na frente de Tete e depois fui me fixar em Cabo-Delgado, tive conselho do General Francisco Cherane Matavele, Zeca Caliate – esse que depois traiu a FRELIMO em 1973, no 4° sector em Tete. (Roque Alves Aguacher, entrevistado em 2016)

Pesquisador: Em que ano se integrou na FRELIMO?

“*Em 1970, só que não recordo o mês*” (Idem)

Pesquisador: Como conheceu a FRELIMO?

“*Foi uma integração livre vontade, de amor a pátria – não recrutado, não foi pressionado*” (Idem)

Pesquisador: Que idade tinha quando ingressou nas fileiras da FRELIMO?

“Eu tinha 14/ 15, muito jovem – como militar e; depois daí entrei na escola da FRELIMO na luta armada no centro de Mueda” (Idem)

Pesquisador: Como militar o que fazia para ajudar a escola?

...Nós íamos dar a explicação de porque é que estamos a lutar; dizer que estamos a lutar para a independência nacional, porque estamos a ser colonizados pelos Portugueses, e os alunos das zonas libertadas acatavam estes conhecimentos, que tivesse a idade avançada incorporava na frente para ajudar a doutrina que a FRELIMO tem para a libertação total e completa. (Idem)

Pesquisador: Que tarefas concretas desenvolveram para ajudar as escolas?

“Eu estava ligada na saúde, na enfermagem pela minha área, poucas vezes ia ao combate, só fazia socorro aos combatentes feridos” (Idem)

Pesquisador: os seus instrutores eram Moçambicanos?

“Eram Moçambicanos, mas na minha formação em Nachingueia eram Tanzanianos juntados com alguns chineses, porque a china nos contribuiu tanto para a libertação deste país, e o armamento que nós tinha na altura era armamento Chinês, armamento da Rússia foi depois” (Idem)

Pesquisador: Qual era a relação entre os militares e a comunidade civil nas zonas libertadas?

“Era muito estável, tínhamos, e nós dizíamos éramos um peixe dentro do povo, e essa aproximação era muito eficaz, nós entendíamos as preocupações das populações da zona libertada e, eles também entendiam qual era o nosso objectivo da luta” (Idem)

Pesquisador: Quais foram as razões fundamentais que lhe levaram a ingressar nas fileiras da FRELIMO?

“As razões são esses que acabei de falar, a libertação do país estávamos no jugo colonial português” (Idem)

Pesquisador: Que dificuldades encontravam no vosso quotidiano?

“Alimentação que era a questão mais fundamental. Olha, mensalmente tivemos que andar nas populações pedir farinha e folhas para agente conseguir sobreviver” (Idem)

Pesquisador: O senhor chegou a desempenhar alguma função de chefia?

“Não, mas depois da luta armada, no governo de transição eu é que fundei 5ª brigada de infantaria motorizada em Chiúre, estive no ramo de contra inteligência militar, fui chefe de contra inteligência militar no centro de preparação política militar.” (Idem)

Pesquisador: Ficamos a saber que militares eram de diversas origens, qual era a vossa relação?

Excelentíssimo, tínhamos boas relações, aí não havia tribalismo como aconteceu depois do governo de transição, ali não havia tribalismo eramos por igual, dizer esse é de Cabo Delgado, esse é de Tete, esse é de sei lá a onde não havia isso, todos era por igual, sabe que nessa altura – dormir na mesma tenda, homem e mulher – dormir na mesma tenda sem sentir de que esse é mulher, esse é homem era todos por igual. (Idem)

Pesquisador: A divisão do trabalho, como era feito, não existia trabalho para mulheres e trabalho para homens?

“Era tudo por igual, destacamento feminino estava ligado no transporte do material, na travessia do rio Rovuma – na cabeça”. (Idem)

5º - Entrevistado/ Antiga Combatente e Aluna: Fátima Basílio Razão, 70 anos.

Pesquisador: Como conheceu a FRELIMO?

“Conheci a FRELIMO em 1971” (Entrevista a Fátima Basílio Razão, em 2017)

Pesquisador: Onde e em que ano se integrou na FRELIMO?

“Foi em 1971, em Mueda Cabo-Delgado” (Idem)

Pesquisador: Tinha quantos anos quando ingressou na escola?

“ Eu tinha 27 anos, como não sabia ler nem escrever tive que entrar na escola”
(Idem)

Pesquisador: Nas actividades extra-curriculares o que faziam?

Eu não me envolvia muito bem nas actividades extra-curriculares uma vez que eu era combatente. Mas os meus colegas faziam parte do trabalho nas machambas para produzir comida e também faziam parte de canto e dança enquanto eu essa altura devia ir aos treinos com outros combatentes. (Idem)

Pesquisador: Gostaria de saber como foi o seu recrutamento?

‘Estava a trabalhar na cidade, eu fui no rio para tomar banho, quando estava a tomar banho, apareceu meu amigo e me disse para irmos nos entregar para libertar este país e fomos. Veio um camarada que disse deixa tudo aqui e vamos, eu perguntei: vamos para onde? Ele disse vamos para onde eu vou, vamos! Fomos até Mueda na base, ficamos lá dois dias a treinar, e ficamos três semanas, e depois de três semanas entrei no combate.

Pesquisador: Que idade tinha quando ingressou nas fileiras da FRELIMO?

“Eu tinha 25 anos” (Idem)

Pesquisador: Como militar o que fazia para ajudar as escolas?

“Defender os alunos contra os ataques do inimigo, não dormíamos. Eu entrava na sala de aulas com fardamento e arma já preparada para qualquer ataque do inimigo.”(Idem)

Pesquisador: Os seus instrutores eram Moçambicanos?

“Eram Tanzanianos” (Idem)

Pesquisador: Qual era a relação entre os militares e a comunidade?

“Eram boas, porque nos davam a comida, e nós protegíamos a eles” (Idem)

Pesquisador: Gostaria de saber, em que frente estava escalada?

“Estive no mato, em Cabo Delgado” (Idem)

Pesquisador: Que dificuldades enfrentavam no vosso dia-a-dia?

“Tínhamos problemas de alimentação, material escolar uma vez que este material devia vir dos países amigos.” (Idem)

Pesquisador: A senhora chegou de desempenhar alguma função de chefia?

“Eu era Capitã” (Idem)

Pesquisador: Ficamos a saber que os militares eram de diversas origens, como é que vocês conviviam com essas diferenças?

“Nós convivíamos muito bonito, não havia confusão” (Idem)

6° - Entrevistado/ Antigo Combatente: Jaime Manupa Canhaga, de 75 anos.

Pesquisador: Em que ano ingressou na FRELIMO?

“Foi no dia 10 de Outubro de 1964, em Cabo Delgado” (Idem)

Pesquisador: Gostaria de saber como foi o seu recrutamento?

“Eu não fui recrutado, quando entrei fui logo na base” (Idem)

Pesquisador: Que idade tinha quando ingressou na FRELIMO?

“Naquele tempo eu tinha 22 anos” (Idem)

Pesquisador: Como militar, o que fazer para ajudar as escolas nas zonas libertadas?

“Não, aquele tempo a escola estava muito escondido no mato, ele não sabia onde esta a escola, onde estudante esta a viver” (Idem)

Pesquisador: Os seus instrutores eram Moçambicanos?

“Eram Moçambicanos todos, até apanhar independência eram Moçambicanos” (Idem)

Pesquisador: Qual era a relação entre a comunidade civil e os militares nas zonas libertadas?

“Era unido, populações e os militares éramos unidos com unidade” (Idem)

Pesquisador: Em que frente esteve enquadrado?

“Estive em Cabo Delgado” (Idem)

Pesquisador: O senhor chegou de desempenhar alguma função de chefia?

“Naquele tempo eu era comandante da Companhia, entregaram a minha companhia para entrar no interior” (Idem)

Pesquisador: Sabe-se os militares eram de diversas origem, como se relacionavam?

“Vivíamos unidos na mesma linha” (Idem)

7º - Entrevistada/ Manuela Crispin 76 anos. Antiga Combatente:

Pesquisador: Como conheceu a FRELIMO?

“Conheci a FRELIMO, porque o meu pai era a pessoa que andava a mobilizar as pessoas para ter cartão, e nos perguntamos como se faz para entrar e nos disse, por que ele até trabalha com o padre” (Manuela Crispin, entrevistada em 2017)

Pesquisador: Onde, e em que ano ingressou na FRELIMO?

“Foi em Cabo Delgado em 1970” (Idem)

Pesquisador: Como foi o seu recrutamento?

“Eu não fui recrutado, fui me entregar, porque eu queria ser militar” (Idem)

Pesquisador: O senhor chegou de ser aluno nas zonas libertadas?

“Sim, era aluna.”(Idem)

Pesquisador: Quantos professores tinham na tua escola?

“Só tinha um professor.”(Idem)

Pesquisador: Qual era o comportamento do seu professor na sala de aulas?

“Desde a primeira aula nunca vi mal o professor, sempre se comportou bem, e alunos gostavam muito dele.”(Idem)

Pesquisador: Qual era a relação entre aluno-professor?

“Era muito boa, porque o professor parecia o nosso pai a nos dar aulas, ou nosso irmão” (Idem)

Pesquisador: Eram quantos alunos em cada turma?

“Havia mais de 20 ou 30, até eu ajudava a dar aulas quando o professor sair...”

Quando íamos a escola até os professores gostavam” (Idem)

Pesquisador: Qual era proveniência destes alunos?

“Os alunos eram filhos dos combatentes e, os combatentes daquela zona”. (Idem)

Pesquisador: Quem fornecia – vos material didático?

Quem fornecia o material eram militares. Levavam da Tanzânia para aqui. Cada escola levava 3 a 4 pessoas para ir até Tanzânia para levar o material para a escola. Levávamos livros da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classe. (Idem)

Pesquisador: Como dividia o trabalho escola e vida militar?

“Do princípio o aluno, era só aluno. Militar, era militar só. Então chegou tempo que os alunos deviam saber do militarismo para defender, então vinha um instrutor para dar aulas a nós todos, para saber combater e defender -se”. (Idem)

9.º - **Entrevistado/ Antigo combatente, Professor:** Henrique Madebe, 79 anos

Pesquisador: Como conheceu a FRELIMO?

Antes da FRELIMO, eu ingressei no MANU em 1960, quando estive na 3ª classe rudimentar na Missão de Lingúe, em Cabo Delgado. Eu ia nas reuniões dos velhos chefiado por Lazaro Kavandame – eles falavam de desenvolvimento como: cultura de algodão, mandioca e da religião de Marie – que era uma organização humanitária que ajudava os velhos desamparados, dando – lhes agua, e construindo – lhes casas. Na mesma altura o Lazaro incentivou os Macondes a desenvolver a cultura de algodão, aí quando os portugueses souberam elegeram para ser o líder dos Macondes. E depois levaram a ele para o seminário menor de Mariri no Distrito de Montepuez e construíram uma casa de capim com o chão cimentado, que tinha um cozinheiro e um mainato pago pelo governo português, é aí onde o Lazaro Kavandame fez a 2ª classe, 3ª classe, 3ª elementar, e foi concluir a 4ª classe na escola de formação de professores indígenas de Chiúre, também tinha todas condições. Quando volta de Chiúre o Lázaro Kavandame, chega no planalto formou uma organização chamado entendimento dos Makonde, onde cada membro pagava dois (2) escudos mensais. Nessa altura estive na escola de habilitação de professores indígenas e depois mudaram o nome de indígena para professores autóctone, quando eu estive na missão de Chiúre e terminei o curso em 1963. (Henrique Madebe, 2017)

Pesquisador: Gostaria de saber como foi o seu recrutamento, e a onde?

“Eu comecei a luta em Cabo Delgado e, fui professor primário de 1963 até 1965 no mato, para entrar no mato, eu estive no posto administrativo de Mocímboa de Rovuma, diz –se Mocímboa porque Mocímboa é praia”.

Pesquisador: Fala – me, de como é que surgem as escolas nas zonas libertadas, e como é que se protegiam?

‘Escolas obedeciam um princípio, de baixo de incursões, de baixo de bombardeamentos militares porque os portugueses invadiam a zona, então tínhamos que inventar o sistema seguinte: centros de preparação políticos e militar com seguintes palavras: Combater, estudar e produzir, sendo que o aluno também treinava, sabia disparar, tinha armamento, soldados novos também eram metidos nos centros, isto para quê, para sustentar a guerra, porque comandantes daqueles bons eram analfabetos não poderiam fazer relatórios. Já nos alunos, antes de entrar nas salas de aulas, havia grupos que queriam patrulhamento, dizia – se reconhecimento – um grupo para ali, outro grupo para ali e, esses saíam de madrugada, se encontrassem o inimigo lá, o centro só ouvia tiroteio, então eles tinham tempo de tirar as coisas irem esconder num lugar e aqueles adultos emboscadas nos caminhos prováveis em que o inimigo pode chegar ate ao centro, os restantes que eram crianças ficavam num lugar e guarnecidos.

Professores “pistola aqui” “AKM aqui”, tiravam na sala de aulas pôr ao lado, é assim que estavam preparados os centros de educação nas zonas libertadas.

Pesquisador: Fala – nos da sua formação como professor?

Eu estive na escola de habilitação de professores indígenas e depois mudaram o nome de indígena para professores autóctone, quando eu estive na missão de chiúre e terminei o curso em 1963 como professor primário.

Pesquisador: Como é que ficou a saber da existência da FRELIMO, como uma organização que quer libertar Moçambique.

Havia um padre natural daqui na Lourenço Marques de Ukalanga, antes de Manhiça, que era chamado Horácio Agostinho Mabui estava na escola normal foi nosso professor, a estrutura na escola, da formação de professor só admitia 26 Makondes, Macuas poderiam entrar mais que 26, Makondes por ser veneno na politica, então padre Horácio no sábado e domingo, dizia de qui ‘pha’, vão lá no mato nesta direcção faz de contas vão cassar e outros animais, eu hei – de vós encontrar lá, e ele tinha radio acompanhava todas a situação da libertação de Africa, também recebia jornais, nesses jornais havia toda politica de Africa, falava de Kwamen-Kruman, ModiboKeita – presidente de Mali, Ahmed SékouTouré, esses lideres parecia que estivessem aqui pert, agente acompanhava quando criaram a Unidade Africana UA. Os princípios de UA eram: Criar um exército em Addis Abeba; Formar todos tipos de força com o comando em Addis Abeba.

Pesquisador: Como é que surgem escolas nas zonas libertadas?

“Nas zonas libertação havia Directores distritais de educação, onde havia concentração de pessoas, tinha escolas. Tinha escolas tipo centro de preparação politico militar e, guarneciam – se entre eles, professores estavam armados, milicianos protegiam também as escolas através de patrulhamento na zona e, havia chefes provinciais de educação em Cabo Delgado, depois saí. Eu sou fundador de centro de preparação militar em 1965, eu trenei com Guebuza, a diferença é que Guebuza era recruta, eu já era Oficial. Então no enceramento do curso veio Mondlane, então numa das palestras fez intervenção e perguntou de quem família era, ele disse (Guebuza), então na sua saída carregou Guebuza para ser chefe da DEC (Departamento de Educação e Cultura) em Dar-És-Salam. Chefiou este Departamento da FRELIMO até ao segundo (2ª) Congresso, onde foi despromovido por ter engravidado uma camarada Zimbabwiana, desproveram até ao soldado simples, é quando Eduardo Koloma, passou para o Chefe da DEC em 1968. Depois disto, Mondlane achou por bem perdoar o Guebuza, alegando que ele não violou a menina, ele conquistou porque é biologicamente activo, temos que dar outra responsabilidade, não humilhar completamente, então ele foi nomeado inspetor das escolas da FRELIMO, de fora até dentro ele era inspetor das escolas”

Pesquisador: Quais são as disciplinas que eram lecionadas nas escolas onde o senhor foi professor, por exemplo na primeira classe?

“Primeira coisa era preciso saber falar português, dizer isto é lápis na língua local, para depois dizer o que é em português, falar levava muito tempo, então primeira coisa era preciso saber falar português, para depois aprender altimétrica”

9° - A Entrevistada/ Antiga Aluna e Combatente: Severiana Carlos Liguele, de mais /menos 70 anos

Pesquisador: Como militar o que é que a mama fazia para ajudar as escolas?

“Quando os colonialistas saiam lá dos postos elas ficavam com os alunos nos centros para proteger – los, ou quando os colonos fossem muitos nós carregávamos as crianças menores no colo e com arma no ombro para o mato, porque algumas delas eram menores; quando eles disparavam nós escondíamos com as crianças, e quando os colonos fugirem nós retornávamos para a base; quase que todos os dias era assim, no início não era fácil, mas quando a guerra intensificou, a FRELIMO construiu um centro, onde cada criança estava ao cuidado de uma mãe, chamado Centro de Lupudi, toda a combatente cuidava de uma criança, podiam ser duas ao cuidado dela, o comandante responsabilizava as mães para cuidarem das crianças; isso aconteceu até chegar a independência.

Pesquisador: No seu grupo havia homens, se sim como é que se relacionavam?

“Havia sim; Não havia escolha, regionalismo nem tribalismo, dormíamos no mesmo centro e cada um com a sua cama, daí que quando chegasse o tempo de férias levávamos as colegas que era originárias das províncias do Centro e Sul, para conhecer as nossas famílias, comiam, dormiam nas nossas casas sem problemas”

Pesquisador: A mama chegou de ocupar alguma função de chefia?

“Sim, eu era Capitã”

10° - A Entrevistada/ Antiga Aluna das escolas das zonas libertadas, Habiba Afido; 64 anos.

Pesquisador: Como é que a senhora ingressou na FRELIMO?

“Fui para lá com o meu pai, ele foi um dos voluntários para libertar a pátria”.

Pesquisador: Eram quantos alunos em cada turma?

“Em cada turma havia mais de 30 alunos”.

Pesquisador: Quais são as disciplinas que vocês estudavam?

“As disciplinas eram de Português, Arimética e Geografia”

Pesquisador: Os teus professores eram Moçambicanos ou Estrangeiros?

“Os meus professores eram todos moçambicanos, não tinha nenhum estrangeiro”

Pesquisador: Como era o vosso relacionamento com os professores?

“O relacionamento era bom, porque nas escolas nesse tempo ensinavam respeito, não é como agora que o aluno discute com os professores”.

11° - A Entrevistada/ Antiga combatente e professora, de nome Atija Mussumamad, 69 anos

Pesquisador: Gostaria de saber como foi o seu recrutamento?

“Foi uma entrega livre. Sai de casa na companhia da minha falecida amiga e nos entregamos e fomos investigados porque não nos confiaram logo no início. Isto foi em Cabo Delgado. Dei aulas durante 4 anos depois saí para Tanzânia”.

Pesquisador: com que idade começou a profissão de professora?

“Nessa altura eu tinha 17 anos”

Pesquisador: Em que ano começou a ensinar nas Zonas Libertadas?

“Comecei a ensinar, combater e produzir na Zonas Libertadas em 1972”.

Pesquisador: qua foi a sua forma de contratação como professora?

“Como contratada, se estávamos em guerra. Eu me entreguei para ensinar as crianças dos combatentes e não combatentes”.

Pesquisador: qua foi o nível mais elevado de educação formal que você concluiu para chegar a ser professora?

“Eu tinha 3ª classe. Não tinha uma formação pedagógica.”

Pesquisador: Como era a educação nas Zonas Libertadas?

“A educação nas zonas libertadas era baseada em livros já programados. Era um ensino virado na transformação do Homem escravizado pelo colono e inculcar ideias viradas a nossa realidade.”

Pesquisador: Qual era a sua rotina diária na escola em relação às tarefas?

“Depois de dar aulas eu entrava em treinos e na machamba para produzir comida. Cuidava também das crianças orfãos”

Pesquisador: Como os professores avaliavam os alunos?

“ A avaliação era feita através de provas escritas e trabalhos no quadro. Também avaliava pelas respostas dadas pelos alunos durante as aulas.”

12º - O Entrevistado/ Antigo combatente/Dirigente, de nome Vicente João Coveque, 76 anos

Pesquisador: Que tipos de currículo usavam nas zonas Libertadas?

“Foi um currículo virado para as necessidades da luta da libertação, era um currículo muito prático virado para soluções concretas da luta, para necessidades da luta que era de combater, de produzir e estudar. Estudar para produzir e combater melhor.

O Colonialismo queria usar a ignorância do povo para mais explorar e oprimir, então não podemos falar de uma libertação sem falar da formação do próprio homem, a educação da pessoa em si, essa era um dos pontos a ter em conta. É assim na libertação deste país havia um lema que era combater, produzir e estudar, estudar para combater o colonialismo melhor; Quer dizer, o avanço da luta exigia a formação de quadro; nessa altura quem tivesse pouco ensinava outro, mas também assumia as tarefas da luta para disparar melhor canhão, B11, AKM, era preciso ter uma preparação, ter um pouco a noção da física, o som, a velocidade do som, essas coisas todas.

Os alunos quando terminasse a 4º eram levados para o centro de formação de saúde, tínamos lá enfermeiros e socorristas, para a tender a questão da luta porque havia feridos; e os feridos lá em Cabo Delgado, eram preciso ser socorridos lá primeiramente e depois quando o assunto fosse de grande envergadura é que podia ser levado a travessar o rio Rovuma para o outro lado de Tanzânia, para o Hospital de Mutara que era o grande hospital”.

Pesquisador: Como estava estruturada a educação nas zonas libertadas?

“Eu também já me fiz esta pergunta (...). Territorialmente estava dividido primeiro, segundo e terceiro sector; a escola esteve também relacionada com esta divisão política administrativa, havia escola de nível provincial onde geralmente os considerados mais altos, até 4ª classe; havia escolas distritais onde quando muito podiam selecionar até 3ª classe; havia escolas de localidades até a escola do círculo; assim provincial, distrital, de localidade e do círculo. Havia responsável da educação da província, responsável da educação do distrito e da localidade, assim por diante”.

Pesquisador: Que fornecia o material didático?

“A luta de libertação foi feita também com ajuda de amigos, antes de tudo a Republica Unida de Tanzânia suportou em grande peso a luta de libertação, não só de Moçambique como de Zimbabwe, África do Sul, Namíbia. No tempo da luta de libertação havia um sector que respondia pela acção social pedindo materiais não letais, não armamento, por exemplo leite para os centros infantários, medicamentos, cadernos, lápis, lápis e tudo aquilo e tudo aquilo que correspondiam a necessidades sociais”

13° - A Entrevistada/ Antiga combatente, de nome Cristóvão Samuel de 63 anos

Pesquisador: Quantos anos o senhor tinha quando ingressou na escola das zonas libertadas?

“Comecei a estudar em 1966”

Pesquisador: Quais foram as disciplinas que tiveram?

“Geografia, Português, Biologia, Aritmética e Historia universal”

Pesquisador: Mais ou menos cada turma tinha quantos alunos?

“30 Alunos no máximo em cada turma”

Pesquisador: O que é que faziam os alunos nas horas extracurriculares?

“Fazíamos produção, tínhamos machambas em volta da nossa escola e fora da nossa escola, sobretudo no período das férias, e tínhamos o programa de alfabetização para a população”.

Pesquisador: Mais ou menos cada turma tinha quantos alunos?

“Na minha escola tinha 3 professores”

Pesquisador: Como era a relação entre os professores e aluno?

“A relação era de camadagem, nós tínhamos aproximação com os nossos professores, os professores não estavam distantes, sempre interagíamos com eles”.

Pesquisador: Quem fornecia o material didático?

“Penso que traziam de Instituto de Moçambique, em Dar-És-Salam, mas quem distribuía era a escola”.

14° A Entrevistada/ Antiga aluna, de nome Farida Floriano Dembe de 64 anos

Pesquisador: Ficamos a saber que a senhora esteve na luta de Libertação Nacional e na mesma época foi aluna numa das escolas.

“Sim, fui aluna”.

Pesquisador: A senhora tinha quantos anos quando ingressou na escola?

“Eu? Eutinha 11 anos.”

Pesquisador: O que fazíamos alunos nas actividades extra-curriculares?

“Nas actividades extra-curriculares nós íamos a machamba, tínhamos um grupo de dança e fazíamos competição em grupos de meninas e meninos”.

Pesquisador: Na tua escolar tinham quantos professores?

“Quantos professores? Eram muitos. Lembro que o meu professor no meio de semestre teve que ir com um grupo para Dar-es-Salam e ficamos com um outro professor. Não tenho um número exacto, mas eram muitos.”

Pesquisador: Como era o comportamento dos professores da tua escola?

“ Tinham um bom comportamento. Diferente de hoje. Os professores das Zonas Libertadas sabiam respeitar o aluno. Havia um grupo de professores que acompanhavam o comportamento dos professores constatemente. Os alunos eram todos iguais perante o professor. Os professores ajudavam muito aos alunos mais fracos e nós víamos um bom comportamento em nossos professores”

Pesquisador: Como era a relação professor-aluno?

“Boa. Muito boa mesmo. Nesse tempo o professor não via o aluno como inimigo, aluna como pessoa para namorar. A relação era boa.”

Pesquisador: Eram quantos em cada turma?

“Em cada turma? Eramos por ai trinta e tal, já não me recordo bem.”

Pesquisador: Quem fornecia o material para voces?

“A escola é que nos dava os livros, cadernos, lapís, mas isso diziam os professores que esse material vinha da Tanzania. Lembro que minha avó (adoptiva) dizia que ia a Tanzania levar o material da escola, ela carregava na cabeça e armamento.”

Pesquisador: Como dividia o tempo de trabalho e escola?

“Eu não fazia grandes trabalhos, mas o meu irmão já falecido como era grande ele ia a luta e estudava bem. Ate tirava boas notas. Mas eu não tinha idade de ir a luta.”

Pesquisador: Eram todos militares?

“Não. Não éramos todos militares. Eu não era militar, mas meu irmão era e os meus pais "adoptivos" eram militares. Eu estudava como filha de combatentes. Estudávamos com combatentes com arma em punho e não nos assustávamos.”

Pesquisador: Foi numa época de Guerra, como reconciliava escola e militância?

“Como havia ditto, eunão era militar, eu era filha de militares.”

Pesquisador: Os seus professores eram militares?

“Alguns eram militares. Recordo me de professor João da Costa. Este era aluno e como entendia bem a matéria também passou a nos ensinar.”

15º A Entrevistada/ Antiga Combatente, de nome Percina Salatiel de 68 anos

Pesquisador: Em que ano ingressou na FRELIMO?

“Ingressei em 1967, em Mueda” (Percina Salatiel, 2016)

Pesquisador: Gostaria de saber como foi o seu recrutamento?

“Não foi recrutamento, foi a minha livre vontade.”(Idem)

Pesquisador: Que idade tinha quando ingressou na FRELIMO?

“Tinha 17 ou 18 anos, por aí” (Idem)

Pesquisador: Como militar, o que fazer para ajudar as escolas nas zonas libertadas?

“Nós ficávamos de olho. Não podíamos deixar o inimigo aproximar, as vezes que eles surpreendiam tínhamos obrigação de proteger os alunos e evacuávamos todas as pessoas.”

Pesquisador: Os seus instrutores eram Moçambicanos?

“Só eramos entre nós, só depois vieram estrangeiros para nos instruir.”(Idem)

Pesquisador: Qual era a relação entre a comunidade civil e os militares nas zonas libertadas?

“Não havia confusão. Havia uma união bem forte. A comunidade nos entendia e nós entendíamos a comunidade.”(Idem)

Pesquisador: Em que frente esteve enquadrado?

“Sempre estive na minha província de Cabo Delgado” (Idem)

Pesquisador: O senhor chegou de desempenhar alguma função de chefia?

“Eu era Aspirante oficial.”(Idem)

Pesquisador: Sabe-se os militares eram de diversas origens, como se relacionavam?

“Nós tínhamos uma vida unida. Não havia separação. Nem o que acontece hoje em dia de Xingondo, Machangana pra nós não havia isso.”(Idem)

4.1. Análise das entrevistas

As entrevistas permitiram percebermos a essência da organização do ensino e do currículo nas escolas das “Zonas libertadas da FRELIMO”. Para isso foi preciso auscultar os veteranos que estiveram directa ou indirectamente envolvidos naquela luta, pois desde a origem da FRELIMO, houve membros que tomaram como ponto de referência a questão da educação para os combatentes e os filhos, mesmo durante a luta. Assim, notamos que as principais disciplinas eram Português, Matemática, História e Geografia, para além de Moral. Durante a luta de libertação nacional eles estudavam os textos de Lenine, de Mão e dos Vietnamitas, mas insistiam no facto de os conceitos e análises marxistas terem passado a assumir relevância para eles a partir do contraste com as exigências do país. A educação pedia que se acelerasse a transformação das consciências de maneira a pôr em acção o projecto da Frelimo.

Para a FRELIMO a escola era a “base a partir da qual o povo toma o poder”, propunha a superação e, integrando-se na comunidade. Nas entrevistas com os veteranos foi possível perceber que esta questão de educação foi um assunto que começou com o próprio fundador da FRELIMO, o camarada Eduardo Mondlane, quase que todos foram unânimes a afirmar que antes mesmo de haver escola nas zonas libertadas, já havia uma escola da FRELIMO em Tanzânia, o Instituto de Moçambique.

4.2. Análise dos Conteúdos Programáticos

Os conteúdos programáticos do ensino primário evoluíram em duas fases. Na primeira, entre 1962-1965, predominavam conteúdos de qualificação para estudantes do Instituto Moçambicano que, tendo alguns anos de escolaridade, deviam completá-la para terem uma equivalência de acesso ao ensino Secundário. Na segunda fase, 1966-1974, os conteúdos tinham uma estrutura terminal, isto é, completado o ensino primário, o aluno podia continuar com os estudos ou ingressar noutras actividades laborais: luta armada ou administração da frente.

O Currículo do ensino primário foi estruturado em quatro classes, mas com um novo currículo, inicialmente foi concebido e elaborado pelos professores, cujos conteúdos se baseavam nos objectivos virados para área de conhecimentos, mas com maior ênfase nas capacidades e habilidades que constituíam a principal inovação introduzida pela Frente, comparativamente ao ensino colonial que era informativo.

Os conteúdos programáticos correspondiam aos objectivos virados para a área de conhecimentos das disciplinas de ciências humanas e sociais: Língua Portuguesa, História e Geografia Social de Moçambique, que integrava a História e Geografia Geral da África, a educação Política e, as disciplinas de Ciências naturais e Matemática: Aritmética e Ciências Naturais, que integravam elementos de Biologia e de Física, e Geografia Física.

Os objectivos centrados nas capacidades e habilidades tinham como principal disciplina “Trabalhos Práticos” relacionados com cada uma das disciplinas.

4.3. O ensino Secundário segundo ZAWANGONI

ZAWANGONI (2007, p 52), a organização e funcionamento são resumidamente abordados porque os mesmos constam do ensino primário. A fase de qualificação corresponde ao período em que o Instituto dava prioridade o recrutamento de estudantes Moçambicanos.

A realização deste importante programa do Instituto Moçambicano contou com o apoio de várias instituições que financiaram a formação dos Moçambicanos, em particular, governos da Suécia, Checoslováquia, Estados Unidos de América, República Democrática Alemã, Índia, República Federal Alemã, Holanda, Dinamarca, Noruega e Finlândia. Além desses governos, houve organizações e pessoas singulares que apoiaram o Instituto Moçambicano. A selecção era feita com base nos critérios da Frente e de acordo com as necessidades em quadros.

A fase de formação inicial corresponde àquilo que classificaria de ensino secundário da Frelimo, introduzido em 1965 com a 5ª. Em 1967 já havia 7ª classe. Do plano do Instituto constava a introdução da 8ª, 9ª e 10ª classe, em 1968, 1969 e 1970, respectivamente, bem como o projecto de filiação da Escola Secundária do Instituto na Associação Internacional das Escolas Secundárias, sediada em Genebra, e noutras associações internacionais de renome (Idem, p53)

Nesta reforma de currículo, houve aspectos que se podem considerar relevantes: primeiro a continuidade dos conteúdos programáticos em vigor em Moçambique, acrescidos de algumas alterações, mas utilizando-os com finalidade política.

CAPITULO – V: CONCLUSÃO

A organização curricular nas zonas libertadas foi um desafio proposto pelos dirigentes da FRELIMO. Logo nos primeiros momentos da guerrilha, eles se aperceberam da importância da reconciliação na luta em desenvolvimento. A educação foi uma espécie de laboratório. Ela serviu para formar e preparar os guerrilheiros, de ala com a educação, já que na opinião deles a escola era a base a partir da qual o povo toma o poder, propunha a superação das possíveis dificuldades, facilitando as comunidades na compreensão dos objectivos da luta. Na escola das zonas libertadas da Frelimo devia-se educar mas também produzir e combater.

Graças a educação foi possível a FRELIMO preparar quadros e dirigente, para diferentes sectores como o exército, vanguarda da Frente, num momento histórico em que o partido ainda não existia. Este devia assumir a função educativa do povo, libertá-lo da hegemonia cultural colonial e tribal e ao mesmo tempo combater através da força a dominação política e militar.

O educador devia fazer uma luta interior para superar as lacerações que exprimiam a velha hegemonia, juntando o empenho político ao empenho militar, a actividade produtiva e cultural.

Segundo GASPERINI (1989, p23), Samora Machel propunha que os aparelhos políticos e militares da Frelimo fossem culturais. Ao mesmo tempo, eles também deviam ser políticos e militares. No exército devia-se combater mas também educar e produzir. Na escola das “zonas libertadas” devia-se educar mas também produzir e combater.

Podemos então concluir que a questão da educação de Moçambicanos para Moçambicanos foi sempre a proposta dos fundadores da FRELIMO, já que, logo cedo se empunharam a incentivar a organização curricular na perspectiva de termos uma educação visionária que nos levaria para o desenvolvimento cognitivo e sociocultural.

CAPITULO – VI: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GASPERINI, L. (1989), Moçambique: Educação e Desenvolvimento Rural. Edizioni Lavoro Roma
- GOMES, M. B. (1999), Educação Moçambicana - História de um processo. 1962-1984: Livraria Universitária – Universidade Eduardo Mondlane
- LIBANO, J.C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M.S (2009), Educação escolar: Políticas, estrutura e organização. 8ª ed. São Paulo: Cortez
- LULUVA, S. (2016), Políticas educacionais em Moçambique: O conselho de escola como componente da gestão democrática da escola pública moçambicana (1975-2003) – Imprensa Universitária – Maputo. Moçambique
- MONDLANE, Eduardo (1975). Lutar por Moçambique. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- NANDJA, Débora. Educação de Adultos em Moçambique: Uma Cronologia de Factos, de 1964 a 2002. Departamento de Educação de Adultos, Universidade Eduardo Mondlane. Disponível em: Acesso em 27/01/2017, 08h50min.
- SACRISTAN, J.G. (1999), Poderes estáveis em Educação. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artimed
- LIMA, P. G; SANTOS, SANDRA, M. (2007) - O Coordenador Pedagógico na Educação Básica: Desafios e Perspectivas. Educareet Educare, Revista de Educação.
- SHEIBE, Leda. Currículo, Cultura e Conhecimento Escolar. In: http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/uft/file.php/1/coord_ped/sala_5/pdf/sala_5_curriculo_cultura_e_conhecimento_escolar.pdf. Acesso em 27 de Março de 2017.
- WIGGERS Verena. As orientações pedagógicas da Educação Infantil em municípios de Santa Catarina. São Paulo: PUC/SP, 2007.
- ROBATE, S. A (2006), Currículo de formação de professores primários na disciplina de língua portuguesa em Moçambique: um repensar de seus fundamentos teóricos. Piracicaba, SP

